

Várias Versões de uma História: construções narrativas em transposições intermediáticas do conto de fadas *Bela Adormecida* para o cinema¹

Lucas Andries Mendonça de CASTRO²

Érika Savernini LOPES³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Procuramos perceber as variadas construções narrativas formuladas por meio das transposições intermediáticas do conto de fadas de *Bela Adormecida* para o cinema, levando em conta os contextos de produção e recepção em que estão inseridas. Dessa maneira, identificamos quais seriam as aproximações e distanciamentos entre três versões da história: o conto “Sol, Lua e Tália”, de Giambattista Basile, o filme “A Bela Adormecida” (EUA, 1959) e o longa-metragem “Beleza Adormecida” (AUSTRÁLIA, 2011), concluindo que as grandes transformações estão, em especial, relacionadas à representação do feminino e à construção narrativa da protagonista.

PALAVRAS-CHAVE: Transposição intermediática; Narrativa cinematográfica; Contos de fadas; *Bela Adormecida*.

CORPO DO TEXTO

Apresentação: uma mesma história pode ser convertida em longas-metragens diferentes dependendo dos contextos? Popularmente chamado “adaptação”, este processo é possível. Denominado por Claus Clüver (2011) como transposição intermediática, consiste em contar novamente uma história, mas agora numa mídia diferente. Claro, levando em conta as possibilidades e as limitações do novo meio. Clüver (2006), ademais, utiliza nomenclaturas “texto-fonte” e “texto-alvo” para diferenciar as duas obras, respectivamente, de acordo com a delimitação de qual delas seria a original e qual seria a inédita.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023. Consiste num resumo expandido da monografia de mesmo título, aprovada em março de 2023 como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Rádio, TV e Internet pela UFJF.

² Autor da monografia, graduando em Rádio, TV e Internet pela FACOM – UFJF, e-mail: lucas.andmencas@yahoo.com.br; olucasandries@gmail.com

³ Orientadora da monografia, doutora em Artes Visuais pela UFMG, docente da FACOM – UFJF, e-mail: erika.savernini@ufjf.br

Com isto em mente, nosso objetivo consistiu em perceber as variadas construções narrativas elaboradas a partir de transposições intermediárias de *Bela Adormecida* para o cinema, levando em conta os distintos contextos de produção e recepção em que estão inseridas e o entendimento de que a construção técnica das narrativas não está descolada do pensamento de um determinado momento (ECO, 1991).

Com tudo isto em mente e partindo de autores como Coelho (2012), Souza (2015) e Bettelheim (2021), trabalhamos um gênero de histórias detentor de uma riqueza de contextos notabilíssima: os contos de fadas. Estes foram por séculos contados e recontados de inúmeras formas em diversos meios. Acreditamos (corretamente) que certas leituras recentes refletem uma aproximação temática (de elementos atualmente considerados como “pesados”) com versões mais antigas, coletadas da tradição oral no século XVII.

Metodologia: baseando-se em Clüver (1997) e Xavier (2003), primeiro, partimos do texto-alvo (tomando ele como independente) e identificamos “[...] as omissões e persistências, as transformações e expansões [...] [e] as interferências do texto-fonte [...]” no texto-alvo (CLÜVER, 1997, p. 45). Para tal, pontuamos os contextos – buscando compreender a influência deles na elaboração narrativa dos textos-alvo e apreender como um texto-alvo transmite mensagens e/ou valores variegados ao utilizar de signos novos ou signos existentes nos textos-fonte com o propósito de subverter ou reforçar aspectos.

Os critérios para estudar as transformações entre textos foram propostos por Xavier, sendo: 1) fábula *versus* trama; 2) contar *versus* mostrar; 3) revelar *versus* esconder; 4) os distintos “pontos de vista”. Cientes de que as aproximações e os distanciamentos entre versões muitas vezes podem ocorrer também no escopo estilístico, encaramos também elementos do sistema formal fílmico que não são estritamente narrativos, mas que cooperam com o desenvolver da história. Ademais, pontuamos em qual *design* narrativo, partindo de conceituações de McKee (2006) e Mendes (2009), as obras se encontram, levando em conta a possibilidade de híbridos entre os desenhos de história.

Importante esclarecer que fidelidade ao texto-fonte não é considerada como critério. Ela não é obrigatória nem relevante, pois o novo não pretende substituir a versão original (CLÜVER, 2006).

Análise: investigamos três textos [em sentido não restringido ao verbal]. Em primeiro lugar, estudamos o conto “Sol, Lua e Tália” da coletânea “*Pentamerone*” (1634), de Giambattista Basile. De acordo com Souza (2015), esta história consiste numa das primeiras versões de Bela Adormecida em linguagem escrita e envolve elementos “pesados”, como estupro, adultério, assassinato e canibalismo, contando com uma personagem principal (chamada Tália) que é passiva, plana e vulnerável.

Por sua vez, o segundo texto consistiu no longa-metragem “A Bela Adormecida” (EUA, 1959, produzido pelos estúdios Disney, dirigido por Clyde Geronimi, Les Clark, Wolfgang Reitherman e Eric Larson). Nele, pontuamos a manutenção da passividade e a planificação da personagem principal, Aurora. Entretanto, sua vulnerabilidade é atenuada pelo surgimento de conceito inédito de infância e do ideário romântico e cristão que predominava à época de produção. Ademais, esta sustentação cristã culmina na importância de temas como felicidade, amor, família e inclusive beleza (esta última colabora na elaboração de um olhar – visual mesmo – patriarcal da mulher). Estes e outros elementos possuem destaque na conjuntura dos Estados Unidos do século XX (em especial, porque estava dominada pelo Código Hays – um conjunto de regras morais determinadas por associações religiosas e aplicadas no cinema Hollywoodiano entre 1930 e 1968), investigada por Alves (2014).

Hodiernamente, animações ocidentais são bastante associadas ao público infantil, porque estúdios (como a Disney) infantilizaram os contos por meio da suavização de passagens, da criação superficial de personagens, da construção de estereótipos – esta última estudada por Machida e Mendonça (2020) –, e outros procedimentos. Esta associação ocorre mesmo com as histórias possuindo, originalmente, temas e públicos distintos: para Souza (2015), elas costumavam fazer parte da tradição de entretenimento adulto. Assim, Bettelheim (2021) defende que leituras para o cinema e televisão foram convertidas numa “diversão tola”, sendo versões simplificadas que “abrandam o sentido” (BETTELHEIM, 2021, p. 34) e que

subtraem a significação intrínseca, aquela mais profunda e que conversa com o subconsciente, aos contos de fadas.

Mas a quem podemos atribuir esta subtração? Acreditamos que esteja relacionada ao desencantamento do mundo. Para Weber (2004) consiste numa “desmagificação” das sociedades ocidentais por meio da ciência e da religião. “No mundo moderno, não há mais a necessidade de recorrer a entidades metafísicas para dominar a realidade, isso é suprido pela razão e meios técnicos” (CARDOSO, 2014, p. 118). Portanto, a magia (no sentido de fascínio, encanto, etc.) inerente aos contos populares acabou sendo destituída de protagonismo, sem conseguir continuar abarcada pela modernidade.

Neste escopo “desmagificado”, analisamos “Beleza Adormecida” (AUSTRÁLIA, 2011, escrito e dirigido por Julia Leigh). Existe, neste filme, o esvaziamento do maravilhoso – que foi conceituado por Todorov (2017). Noutras palavras, não estão presentes fadas, príncipes, castelos e outros elementos. Por conseguinte, existe uma aproximação com públicos adultos, contando com temáticas como o abuso sexual e consumo de drogas. Outrossim, assinalamos a erotização da protagonista Lucy, com o corpo dela representado de modo a subverter a dessexualização romântica de Aurora e das mulheres estadunidenses dos anos 1950.

Este longa possui como base, além do conto Bela Adormecida, o romance escrito por Kawabata, “A Casa das Belas Adormecidas” (1961), permitindo a compreensão da não linearidade das transposições; ou seja, são vários os textos-fonte que influenciam, em conjunto, a criação de um texto-alvo.

Concluimos que, entre as versões escolhidas, as principais transformações relacionam-se à construção da personagem principal e à construção do feminino no cinema.

Apesar de somente estas narrativas terem sido escolhidas, entendemos que existe uma variedade de transposições de Bela Adormecida produzidas em vários períodos da história. Dessa forma, percebemos que os objetos escolhidos são preponderantes à pesquisa, uma vez que se mudam os contextos de produção e de recepção dos textos-alvo de maneira considerável. Estes contextos permitem que formulemos inúmeras de questões sem, todavia, nos compulsar ao alcance de conclusões absolutas. Portanto, mais nos interessamos pela identificação das

interpretações possíveis de acordo com os períodos do que pela constatação de interpretação incontestável, aquela imaginada pelos autores/criadores, dos textos investigados. Pudemos, então, estruturar a pesquisa nos aprofundando primeiro no estudo das transposições, contos de fadas e construção técnica de narrativas para o cinema. Depois, analisamos os objetos do *corpus*.

Contribuições da pesquisa: acreditamos que nosso estudo proporciona uma compreensão das variadas possibilidades de construção narrativa para o cinema, reiterando o não descolamento delas do pensamento de uma época. Possibilita, outrossim, melhor entendimento das transposições intermediáticas e das cadeias quase infinitas de conexões que existem entre elas. Por fim, auxilia na compreensão do processo prático de roteirização, colaborando para a formação do profissional roteirista.

REFERÊNCIAS

A BELA ADORMECIDA. Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Wolfgang Reitherman e Eric Larson. Produção: Walt Disney. EUA: Walt Disney Productions, 1959. DVD.

ALVES, Érika. A Bela Adormecida: uma análise da representação das tensões americanas da década de 1950 no filme da Disney. **Medievalis**, v. 5, p. 1 – 16, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/44243/23733>>. Acesso em 18 mar. 2022.

BASILE, Giambattista. **Sol, Lua e Tália**. Tradução: Karin Volobuef. Disponível em: <http://volobuef.tripod.com/op_basile_sol_lua_talia_kvobuef.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

BELEZA ADORMECIDA. Direção: Julia Leigh. Produção: Screen Australia. AUSTRÁLIA: Magic Filmes; Screen NSW; Deluxe Australia; Spectrum Films; Big Ears Productions; Fulcrum Media Finance, 2011. DVD.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

CARDOSO, Matêus. O desencantamento do mundo segundo Max Weber. **Revista EDUC – Faculdade de Duque de Caxias**, Duque de Caxias, V.1, n. 2, p. 106 – 119, jul. – dez. 2014. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150055.pdf>. Acesso em 21 abr. 2022.

CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: Arbex, Márcia (Org.). **Poéticas do Visível**; ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 107 – 166. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Po%C3%A9ticas%20do%20vis%C3%Advel%20-%20ensaios%20sobre%20a%20escrita%20e%20a%20imagem.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. **Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada**, São Paulo, FFLCH, n. 2, p. 37 – 55, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/13267/15085>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **Pós: Belo Horizonte**, V.1, n. 2, p. 8 – 23, nov. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413/12270>>. Acesso em 14 mar. 2022.

COELHO, Nelly. **O Conto de Fadas**: símbolos – mitos – arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2012.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

KAWABATA, Yasunari. **A Casa das Belas Adormecidas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

MACHIDA, Ana; MENDONÇA, Carlos. A construção das princesas Disney: uma análise das performances, narrativas e identidades femininas. **Revista Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, v. 9, nº2, p. 1 – 29, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3850>>. Acesso em 18 mar. 2022.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

MENDES, João Maria. **Culturas Narrativas Dominantes**: o caso do cinema. Lisboa: EDIUAL, 2009.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: Braudy, Leo; Cohen, Marshall. **Film theory and criticism: introductory readings**. New York: Oxford UP, 1999, p. 833 – 844. Disponível em: <https://www.composingdigitalmedia.org/fl5_mca/mca_reads/mulvey.pdf>. Acesso em 26 jan. 2023.

SOUZA, Bruna. De Basile a Disney: uma comparação entre Sol, Lua e Tália e A Bela Adormecida. **Literartes**, n.2, 2013. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/62360/65162>>. Acesso em 13 mar. 2022.

SOUZA, Bruna. **Estudo das categorias narrativas, variações e permanências nas versões de Basile, Perrault, Grimm e Disney de A Bela Adormecida**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2015. Disponível em:
<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127837/000846836.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 mar. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In. PELLEGRINI, Tânia. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo – Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 61 – 89.